

O SÁBIO POMPEU SOBRINHO ATRAVÉS DE UMA INTERPRETAÇÃO

Alba Valdez

Não passará, este ano, em branca nuvem o aniversário natalício de Thomaz Pompeu Sobrinho, o escafandrista mais erudito da história do Ceará.

Preliminarmente vem a propósito este reparo, tanto mais porque não me lembro de ter lido, alguma vez, notícias nem mesmo breves referentes a comemorações dêsse grato acontecimento.

Cousa curiosa, não resta dúvida, numa época de desenfreada publicidade, máxime em se tratando de personagem que tem ocupado cargos de importância na vida administrativa do Estado.

Torna-se preciso ressaltar essa circunstância pelo fato de, justamente, serem tais personagens, como o que se trata aqui, os que suscitam nos ambientes de suas funções eclosões de simpatia e regozijo, concretizados nos clássicos banquetes, jantares, piqueniques, incluindo-se, por ultimo, os adventícios churrascos, promovidos por amigos e admiradores.

Enquanto a generalidade dos homens gosta — e isso é muito natural dessas e outras manifestações que lhe são prestadas pela projeção alcançada no vai-e-vem de suas atividades, minoria igualmente operosa, de elevadas faculdades, queda-se, por um móvel que somente ela poderia explicar, numa serena e voluntária penumbra, dir-se-ia, o veredito do futuro que lhe indicará o devido lugar. Daí o designativo de esquisitos, atribuído aos tipos que o formam. Pompeu Sobrinho é um desses tipos. Exceção da regra geral pelas maneiras sóbrias, ar distraído, como que alheado do que se passa em derredor, falar pouco exuberante que pode ser traduzido por introversão, hermetismo ou natural retraimento. Finalmente, homem de quem não se pode traçar com facilidade um retrato psicológico.

Compreende-se, aliás, que se acha integrado no seu ideal de historiador, a sua vivência decorre em ambiente puramente intelectual,

na indagação, na pesquisa, na procura de elementos com os quais constrói a duradoura obra que tem por objetivos principais: a pré-história e a proto-história do Ceará.

Unicamente isso lhe interessa, sèriamente. Escrevê-las é um dever. Considera de absoluta necessidade trabalhar para uma concepção dignificante do que seja a sua terra.

Faz tempo, conversando com êle sôbre tarefa de que estava incumbida, meio aniquilada, disse-lhe do silêncio, do desestímulo reinante no meio-ambiente, ao que êle retorquiu com palavras que significavam esta observação: — E que importam essas cousas?

Parece — murmurei — que têm razão os que lhe chamam de esquisito.

Nas sessões do Instituto do Ceará costuma deletrear suas valiosas páginas históricas em tonalidade monótona, pouco audível, sendo preciso, às vèzes, pedir-lhe que leia mais alto. Outro intelectual, em igual conjuntura, se entusiasmaria com a solicitação, se esforçaria por exhibir declamação mais expressiva, mais cuidada. Quanto a êle, atende, na verdade, ao que lhe pedem, eleva e voa durante minutos, para voltar depois, insensivelmente, ao diapasão anterior.

Pompeu Sobrinho faz anos hoje. Por êle, o dia transcorreria como um dia qualquer. Claro que nada seria feito. Mas não o entendem assim os seus amigos e colegas do Instituto do Ceará.

Ao preclaro Presidente-Perpétuo do notável sodalício desejam tributar a mais elevada estima e consideração, não como dita o formalismo dos officios da pletórica burocracia brasileira, mas com o coração animado do belo sentimento da sinceridade.

O tributo deve ser prestado, como que está a bradar a obra escrita por Pompeu Sobrinho, obra que, obrigatòriamente, faz parte integrante do patrimônio cultural do Ceará e do Brasil.